

---

**BOLETIM DA REAL ASSOCIAÇÃO**

DOS

**ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES**

---

A CASA ONDE FALLECEU

**BOCAGE**

NOTICIA HISTORICA

COMMEMORATIVA DO 1.º CENTENARIO

DA

MORTE DO POETA

O erudito escriptor, meu dilecto amigo e compadre, sr. visconde de Castilho, no seu trabalho magistral «Lisboa Antiga» (1), consagra um capitulo ao incomparavel e grande poeta Manuel Maria de Barbosa du Bocage, no qual declara não conhecer muito ao certo a casa da travessa de André Valente, onde falleceu Bocage, e ter ouvido duvidar da indicada pelo sr. José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha, na sua bella obra ácerca do poeta (2), parecendo-lhe, portanto, ser este um ponto ainda para averiguar.

---

(1) «Lisboa Antiga» por Julio de Castilho, 2.<sup>a</sup> edição — Lisboa, 1903. — «O Bairro Alto de Lisboa» — Volume III — Capitulo XXVI — Paginas 222 a 232.

(2) «Manuel Maria du Bocage», por José Feliciano de Castilho Barreto e Noronha — Tomo II — Rio de Janeiro, 1867 — Pagina 134.

Ora o biographo illustre de Bocage diz, a paginas 134 do tomo segundo, que elle se mudára para «uma casinhola na travessa de André Valente, n.º 11, terceiro andar (hoje, n.º 25)».

D'aqui se infere, a meu vêr, que, em 1867, anno em que o sr. José Feliciano de Castilho publicou o seu trabalho, o predio em questão tinha o n.º 25, e que o numero primitivo (n.º 11) lhe fôra indicado por algum contemporaneo de Bocage, no decurso das suas investigações.

Os biographos contemporaneos do poeta dizem simplesmente que elle fallecera na travessa de André Valente, mas, para confirmar documentalmente esta asserção, temos a certidão de obito que o sr. visconde de Castilho transcreveu na integra na sua «Lisboa Antiga» (1).

Sabendo-se pela certidão, que Bocage fallecera na citada travessa, e pelo sr. José Feliciano de Castilho que o predio tinha o n.º 25 em 1867, comecei com estes dois elementos o trabalho das minhas investigações.

Principiei por indagar na respectiva repartição de Fazenda qual seria a numeração antiga do predio da travessa de André Valente, que em 1867, tinha o n.º 25; resultando saber pelo livro da matriz predial d'aquelle anno, que tivera os n.ºs 10 e 11, ficando assim, desde logo, confirmada a indicação do sr. Castilho, isto é, que o numero antigo era 11.

---

(1) «Lisboa Antiga», volume citado, pagina 229. — «Certifico que, no L.º 8, f.º 50, dos assentos dos obitos desta freguesia das Mercês da Cidade de Lisboa, se acha o seguinte termo: «Aos vinte e um de Dezembro de mil oitocentos e cinco na travessa de André Valente, falleceu com todos os Sacramentos Manuel Maria Barboza du Bocage, solteiro, natural de Setubal, filho do Bacharel Luiz Soares Barboza du Bocage e D. Maria Anna Joaquina Barboza. Não fez testamento. Foi sepultado no Jazigo desta Igreja, de que fiz este assento que assignei. — Coadjutor José Luiz de Souza». — Está conforme. P. das Mercês, 11 de Março de 1903. O Prior, João Manuel Rodrigues Lima.»

Os nomes dos paes de Bocage, designados na certidão transcripta, estão errados. O pae chamava-se José Luiz Soares de Barbosa e a mãe D. Marianna Joaquina Caetana Xavier du Bocage. Vidé «Archivo Historico Portuguez», volume II, n.º 1, janeiro de 1904, pagina 10. Artigo intitulado: Gilles Le Hedois du Bocage (o avô do poeta Bocage) pelo sr. P. A. de Azevedo, pagina 8.

Fiquei satisfeito com este meu achado, mas não em absoluto; desejava saber mais, porém os livros da matriz predial, archivados n'aquella repartição, não iam além de 1866.

Onde estaria o registo predial de 1805? Encontrado elle ficaria sabendo, talvez, se o predio effectivamente tinha o n.º 11 e se no terceiro andar residia o nosso poeta.

Cogitava eu n'este assumpto, quando o acaso me depárou um amigo a quem contei as pesquisas que me preocupavam o espirito n'aquella occasião, e por elle soube que alguns livros de antigos registos de predios e decimas estavam no Tribunal de Contas.

Este precioso esclarecimento animou-me sobremaneira, e, na esperança de encontrar o que pretendia saber, resolvi ir áquella repartição do Estado.

E' digna de notar-se a bella organização do Archivo do Tribunal de Contas, onde não faltam indices methodicos e perfectos que facil e rapidamente nos dizem o sitio onde se encontram os documentos que se pretende consultar.

Oxalá todas as repartições publicas tivessem os seus archivos em tão boa ordem!

Rapidamente pude saber o que precisava. Antes, porém, de transcrever textualmente tudo quanto diz o registo relativo ao predio onde residiu Bocage, devo dar publico testemunho do meu profundo reconhecimento pela fórma amavel e delicada como fui attendido pelo sr. conselheiro director geral José Joaquim Ferreira Lobo, e pelo sr. archivista e 2.º contador Antonio Victor Lopes Junior.

Agora que ficou paga a divida que tinha em aberto, vou transcrever na integra o titulo do livro e o registo do predio, que é deveras um documento precioso e interessantissimo:

*«Livro do Arruamento e Descrição dos Predios, e outros Objectos da Colecta da Decima e Novos Impostos da Freguezia das Mercez pelo presente ano em conformidade do Real Decreto de 8 de Junho de 1805, e das Leis anteriores a que elle se refere.*

*«Será numerado e rubricado com a firma de que uzo.—Castro — Lisboa, 4 de Julho de 1805. O Superitend.º das Mercez — Felipe Ferreira de Araujo e Castro».*

Paginas 88 v.º

*Beco de Andre Valente*

N.º 297

*Cazas dos Herdr.ºs de Maximiliano Frz de Oliveira*

N. 10 — 11 e 12.

*Loja Verissimo Jozé de Oliveira*

— criado de servir — dezoito mil

réis. . . . . 18\$000

*Sobrado Fran.ª Magna*

— vinte e quatro mil réis . . . . . 24\$000

*Sobrado Jozé Caetano —*

*Archeiro — vinte mil réis . . . . . 20\$000*

*Sobrado Manoel Maria*

**du Bocage** — *Sem officio —*

*vinte e um mil e seis-*

*centos . . . . . 21\$600*

*Sobrado Hum Embarca-*

*diço — desmil r.º . . . . . 10\$000*

93\$600

Este documento corrobora a informação dada pelo sr. José Feliciano de Castilho, isto é, Bocage habitava o 3.º andar (1).

Compulsando os «Livros do Arruamento e Descrição dos Predios» anteriores a 1805, fiquei sabendo que o nosso poeta residia n'aquelle andar desde 1802, pagando sempre a mesma renda, e desejando saber quem ficou morando na casa depois da sua morte, vi que foi sua irmã D. Maria Francisca de Barbosa du Bocage, companheira inseparavel do vate e que recolheu o seu ultimo suspiro.

Aquella senhora residiu alli até o fim do primeiro semestre de 1810, pagando de renda nos annos de 1806 e 1807 a mesma importancia que seu irmão pagava, a qual foi elevada a vinte e quatro mil réis desde 1808 até o anno em que deixou de habitar a casa.

O registo transcripto dá o predio situado no «beco» de André Valente, mas nos outros registos que examinei, a situação é indicada na «travessa» de André Valente.

Sei pela «Chorographia» do padre Antonio Carvalho da Cos-

(1) O sr. dr. Theophilo Braga, na sua obra «Bocage», Porto 1902, a pagina 480, diz que o poeta falleceu no quarto andar. E' equivooco.

la, que aquella via publica se denominava «beco» em 1712: porém, no «Mappa de Portugal» do padre João Baptista de Castro, publicado em 1758, e no «Itinerario Lisbonense ou Directorio Geral de todas as ruas, travessas, becos, etc.» publicado em 1804, chama-lhe «travessa».

Diz ainda o mencionado registo que o predio tinha os n.ºs 10, 11 e 12, não obstante, a matriz de 1867 designa que elle tivêra os n.ºs 10 e 11.

Julgo, portanto, que este ponto se poderá esclarecer pelo seguinte raciocinio :

O predio tem no primeiro pavimento ou loja, um vão de janella e dois vãos de portas. E' provavel que, na primitiva numeração, a janella tivesse o n.º 10, e que mais tarde fôsse supprimido o numero d'aquelle vão, que passando para o immediato (para a porta da loja) fizesse com que a porta da escada viesse a ter o n.º 11, como nos revela o sr. Castilho.

Recapitulando o que expuz sobre as minhas investigações ácerca da casa onde falleceu o grande poeta Elmano Sadino, creio não restarem quaesquer duvidas de que elle soltou o derradeiro suspiro no terceiro andar do predio da travessa de André Valente que, n'aquelle anno de 1805 tinha o n.º 11, e que tem hoje o n.º 25, ficando assim confirmado tudo quanto disse o illustre escriptor sr. José Feliciano de Castilho.

Resta-me agora dizer para complemento d'esta noticia, quem é o actual proprietario do prédio que no anno da morte do nosso Bocage, era dos herdeiros de Maximiliano Fernandes de Oliveira, e depois descrever, não só a sua fachada, como tambem o andar que o poeta habitou.

A historica propriedade é hoje do sr. conde de Simas, abastado capitalista residente na ilha Graciosa.

Infelizmente, não pude examinar os titulos da propriedade que, embora a sua compra fôsse feita ha poucos mezes, estão já em poder d'aquelle titular; mas constando-me que uma sobrinha de s. ex.ª era casada com o sr. dr. Albertino Carlos da Costa, e que ambos brevemente partiam para a Graciosa, pedi a este cavalheiro a grande fineza de, em meu nome, solicitar do sr. conde o exame dos titulos, para assim ficar completamente documentado este meu trabalho de investigação.

O sr. dr. Costa acolheu com muito interesse o meu pedido, promettendo-me, quando regressasse nos fins de julho proximo, informar sobre o que tivesse encontrado nos referidos titulos.

Aguardo com impaciencia aquellas informações que serão o remate do meu trabalho na sua parte documental.

A travessa de André Valenté começa na calçada do Combro e termina na rua Formosa. A sua directriz é constituida por dois troços perpendiculares. Entrando na travessa pelo lado da calçada do Combro, fica-nos em frente o predio n.º 25, e se continuarmos para a rua Formosa, fica-nos á esquerda, logo no principio do troço perpendicular áquelle por onde seguimos.

Consta o predio de loja e quatro andares. A loja tem uma janella de peito e duas portas, sendo uma a entrada da loja (n.º 23), a outra a entrada da escada (n.º 25); o primeiro andar tem uma janella de sacada e duas de peito, sendo uma da escada; o segundo andar tem tres janellas de peito, sendo uma da escada; o terceiro andar (onde habitou e falleceu Bocage) tem tres janellas de peito, e o quarto andar tres janellas de peito, sendo uma vão fingido.

Entre o terceiro e quarto andar ha uma linha de beiral que nos indica ser de antigo telhado e que, portanto, o quarto andar é mais moderno. Esta minha opinião está confirmada pelo que diz o sr. Antonio Maria Baptista (1) que ainda conheceu o predio tendo uma agua-furtada, e pelo valor das rendas inscriptas no registo que copiei, se depreheende que, em 1805, havia aquella agua-furtada.

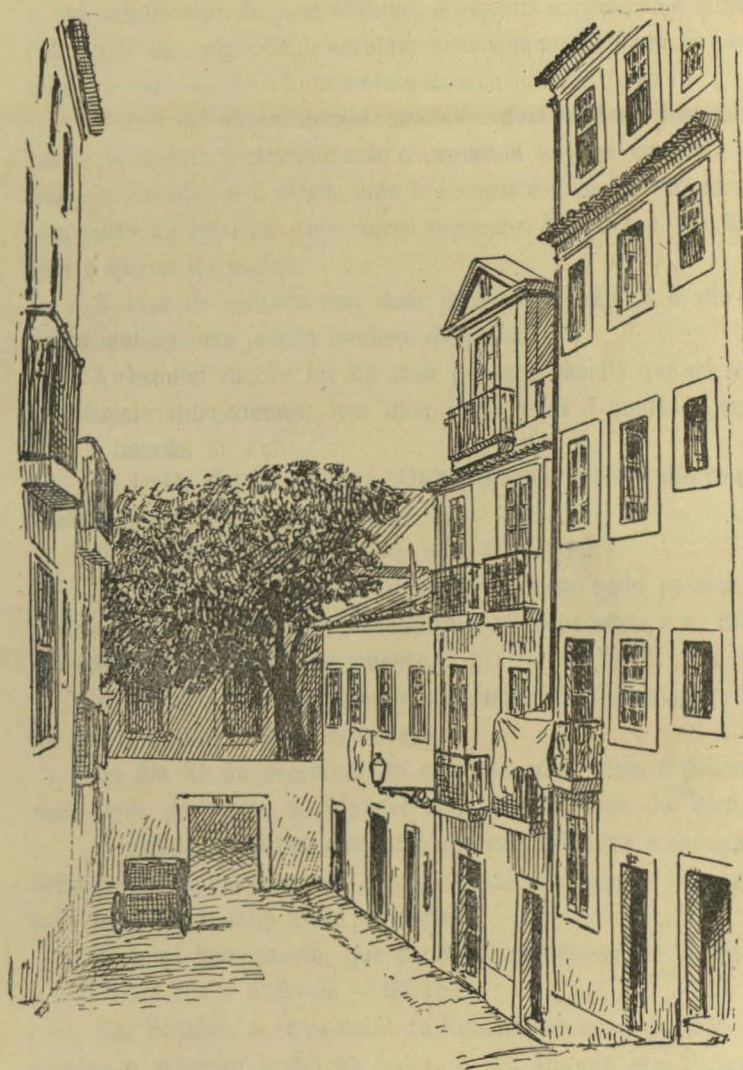
A janella e a porta da loja têm cantaria mais moderna. A porta da escada, de cantaria boleada em arco de circulo, é bem característica de algumas construcções dos seculos XVII e XVIII. A bacia da sacada do primeiro andar tem o paramento almofadado, typo muito vulgar n'aquellas epochas.

A fachada está pintada a oleo, indicando trabalho recente.

O socco e as pilastras estão pintadas tambem a oleo, fingindo pedra. Sobre o secco ha um guarnecimento de cimento a crespo (crépi).

---

(1) Antonio Maria Baptista — «Bocage e os Contemporaneos» — Lisboa, 1896, pagina 134.



Casa da travessa de André Valente, onde falleceu Bocage.

(É a primeira da direita da gravura)

O actual morador do terceiro andar é o sr. Manuel Buente, que com muita espontaneidade me concedeu licença para ir visitar a sua residencia. O procedimento d'aquelle sr. muito me penhorou e por isso aqui lhe reitero os meus agradecimentos. Fui examinar a casa no dia 26 de maio ultimo.

Consta de quatro compartimentos: uma casa de entrada (a maior de todas), communicando á esquerda com um pequeno vão sobre a escada, e á direita com a cozinha e com um quarto que tem porta de caixilhos com vidros pequenos. E' provavel que fôsse este o quarto do poeta.

A casa de entrada tem duas janellas de peito, e o vão sobre a escada uma janella tambem de peito.

A cozinha recebe luz de uma pequena janella que dá para um saguão estreitissimo; tem uma porta para o quarto e outra para a escada.

Os tectos são de madeira. Os pavimentos estão muito carunchosos; devem ser os primitivos.

O pé direito é muito baixo, tem, talvez, 2, <sup>m</sup>8.

Eis aqui minuciosamente descripta a casa onde passou os ultimos quatro annos da sua existencia, onde padeceu e se finou um dos maiores poetas portuguezes.

Se aquellas vetustas paredes podessem falar, quantas scenas de dôr e de miseria nos descreveriam!

No dia 21 de dezembro do corrente anno pássa o primeiro centenario da morte de Manuel Maria de Barbosa du Bocage.

A cidade de Lisboa que foi a sua mãe adoptiva e onde mais brilhou a luz intensissima do seu genial talento, tem até hoje prestado bem pouco culto á sua memoria!

A unica homenagem, que eu saiba, resume-se em ter posto a uma nova rua o titulo de — Bocage.

Em Setubal, a terra natal de Elmano, no anno de 1855 (1) prestou o primeiro preito ao poeta, o sr. Antonio José Pacheco construindo um theatro que denominou — Bocage; em 10 de abril de 1864 (2) por iniciativa do sr. Manuel Maria Portella, foi collocada uma lapide commemorativa na casa onde nasceu o poeta,

(1) «Memoria sobre a historia e administração do municipio de Setubal», por Alberto Pimentel. — Lisboa, 1877, pagina 306.

(2) Na citada obra do sr. Alberto Pimentel, pagina 236.

na rua de S. Domingos; no dia 21 de dezembro de 1871 (1) realisou-se a inauguração do seu monumento, cuja erecção se deve ao grande poeta e grande prosador sr. Antonio Feliciano de Castilho e a seu irmão sr. José Feliciano, e para o dia do centenario da sua morte prepara a linda cidade do Sado uma nova homenagem ao seu querido e illustre filho.

Pois bem: a ingratição e o esquecimento que a capital do reino tem demonstrado por Bocage, não deve subsistir mais tempo.

Já que Lisboa não pode recolher n'um tumulo condigno as cinzas preciosas do Elmano, que por incuria dos poderes publicos, fôram lançadas á valla commum (2), compete á Camara Municipal mandar collocar uma lapide na frontaria da casa da travessa de André Valente, que sendo inaugurada no dia do centenario do passamento de Bocage, indicará aos vindouros a paga, embora tardia, de uma divida sagrada.

Devo declarar que este alvitre não me pertence.

A idéa partiu do sr. Antonio Maria Baptista (3), infelizmente já fallecido e que foi um grande admirador de Bocage.

A' frente do municipio está um honrado homem de Estado, illustre publicista e não menos illustre poeta — o sr. conselheiro Antonio de Azevedo Castello Branco — que, estou plenamente convencido, aceitará gostosamente o alvitre indicado, por ser justo e inadiavel.

1 de junho de 1903. (4)

\*  
\*  
\*

O exame feito nos titulos do predio da travessa de André Valente, exame que me fôra promettido pelo sr. dr. Albertino Carlos da Costa, e a que alludo no meu artigo publicado no *Diario de Noticias* do dia 14 de junho do corrente anno, foi o mais minucioso possivel.

---

(1) Na citada obra do sr. Alberto Pimentel, pagina 238.

(2) «Lisboa Antiga», volume citado, pagina 228.

(3) Antonio Maria Baptista, obra citada, pagina 135.

(4) Publicado no *Diario de Noticias*, n.º 14:203, de 14 de junho de 1905.

Da honrosa e proficiente collaboração do sr. dr. Costa, resulta poder eu dar por finda a parte documental do meu trabalho, ácerca da casa onde falleceu o egregio poeta Manuel Maria de Barbosa du Bocage.

Dando hoje publicidade aos interessantissimos apontamentos colhidos pelo meu illustre collaborador, julgo que os mais exigentes em trabalhos de investigação historica, ficarão plenamente satisfeitos.

Eis, na integra, o que me foi communicado:

«Por escriptura de 4 de julho de 1780 foi o predio de altos e baixos situado na travessa de André Valente, a esse tempo sem numeração, comprado por Marcelliano e não Maximiliano, Fernandes de Oliveira, negociante, por 300\$000 réis ao capitão Francisco Gomes da Silva e mulher D. Ignacia Joanna Pombeiro, e do auto de posse que o comprador tomou d'essa casa, vê-se que ella se compunha de loja e tres sobrados.

«Francisco Gomes da Silva tinha comprado aquellas casas a Manuel Antunes e sua mulher Caetana Gertrudes de Mello por escriptura de 26 de agosto de 1753, e alli dizia-se que essas casas eram situadas no beco de André Valente, situação que já vinha da escriptura anterior de 31 de outubro de 1690 da compra d'essas casas feita por aquelle Manuel Antunes.

«O documento mais antigo da propriedade data de 1661.

«Francisco Gomes da Silva era, em 1753, creado do infante D. Manuel.

«Em 23 de dezembro de 1833 Antonio Marcelliano Fernandes, filho de Marcelliano Fernandes de Oliveira, tomou posse d'aquellas casas por lhe terem cabido em legitima por morte de seu pae, e do auto respectivo consta que ellas tinham os n.ºs 10 e 11, e eram compostas de loja e quatro andares, tendo-se dito no requerimento para essa posse, que ellas se compunham de loja, tres andares e agua-furtada.

«Não consta qual a data em que falleceu aquelle Marcelliano, mas do requerimento alludido para a posse da referida casa, vê-se que o filho nunca exigiu a sua legitima á mãe enquanto viva, e só depois da morte d'ella é que requereu e tomou posse d'essa casa e legitima que lhe foi aformalada, por morte de seu pae, no inventario orphanologico processado na Boa Hora, onde deve existir, sendo possivel que alli se encontre a descripção d'esta casa e a designação dos inquilinos que a habitavam, como succedia muitas vezes.

«Por morte de Antonio Marcelliano Fernandes, em 28 de fe-

vereiro de 1853, houve inventario orphanologico e alli fôram aquellas casas vendidas em hasta publica a Thiago José Nunes, conservando ainda os n.ºs 10 e 11, e na descripção da casa dizia-se que a loja tinha o n.º 10 e compunha-se de tres casas; o n.º 11 era a porta da escada em seguimento ao 1.º andar, que tambem tinha tres casas e da mesma fôrma o 2.º, 3.º e 4.º andares.

«Na escriptura de venda d'essas casas feita em 1871, é que se diz que ellas têm os n.ºs 23 e 25 e antigamente os [n.ºs 10 e 11, e assim foi registada a compra na Conservatoria do 2.º Districto de Lisboa, sendo o predio descripto sob o n.º 2:403 do Livro B. 17.º

«Não encontrei indicado o n.º 12 como pertencendo ás mesmas casas nem antes nem depois de 1805; deve por isso ter havido erro na descripção d'ellas no livro dos arruamentos e registo dos predios, para decimas, existente no Tribunal de Contas».

D'estas notas tão curiosas tiram-se as seguintes conclusões:

Em 1780 o predio da travessa de André Valente não tinha numeração.

O proprietario chamava-se Marcelliano e não Maximiliano, como está no «Livro do Arruamento e Descrição dos Predios».

N'aquella epocha já se denominava o local do predio travessa de André Valente; mas em 1690 e 1755 tinha a designação de beco.

Sendo do anno de 1661 o documento mais antigo da propriedade, provado fica que a sua construcção é do seculo XVII.

Em 1833 e 1853 tinha ainda o predio os n.ºs 10 e 11; isto é, a loja o n.º 10 e a porta da escada o n.º 11, e só em 1871 vêm designados, pela primeira vez, os n.ºs 23 e 25.

O n.º 12 que está indicado no «Livro do Arruamento», não foi encontrado em nenhum dos titulos da propriedade, donde se infere ter havido erro no lançamento do registo, ficando assim refutada tambem a hypothese que eu formulára no meu primeiro artigo.

Com o auxilio tão valioso do sr. dr. Costa, que do coração lhe agradeço, penso que nada mais resta dizer acerca da historica propriedade da travessa de André Valente (1).

---

(1) Depois de publicada a segunda parte d'este meu trabalho, os meus illustres amigos e eruditos escriptores srs. dr. Sousa Viterbo e general Brito Rebello, chamaram-me a attenção para uma nota de

Pode, portanto, a Camara Municipal de Lisboa, sem a minima hesitação, sob o ponto de vista historico, ordenar a collocação de uma lapide no predio n.º 25 da travessa de André Valente, porque foi alli, no 3.º andar, que se finou o tão grande como desventurado poeta Manuel Maria de Barbosa du Bocage.

Alfarrobeira (Bemfica), em 8 de novembro de 1905. (1)

ANTONIO CESAR MENA JUNIOR.

subido valor, *por ser escripta pelo proprio Bocage*, e na qual o poeta allude, sem duvida, á casa da travessa de André Valente.

A nota de Elmano refere-se a um soneto que mostra bem ter sido um dos ultimos que compoz, e encontra-se na pagina 388 do tomo I da obra intitulada: *Poesias | de | Manuel Maria de Barbosa du Bocage, | colligidas em nova e completa edição, | dispostas e annotadas | por | I. F. da Silva: | e precedidas de um estudo biographico e | litterario sobre o poeta, escripto | por | L. A. Rebello da Silva. | Lisboa | MDCCCLIII.*

#### Notas

Pag. 215 — Son. XLVII.

«*Na propriedade de que habito um dos andares, tem morrido ha quatro mezes um homem de mais de sessenta annos; uma de minhas sobrinhas de idade de cinco; e ultimamente uma moça de deztoito.*»  
(Nota de Bocage.)

O soneto XLVII que vem na pagina 215 do mencionado tomo I, é o seguinte :

*Aballado por funestos presentimentos, colhidos  
em alheios successos.*

*No abysmo tragador da Humanidade  
(D'ella, d'ella não só, de quanto existe)  
Co'a mesma rapidez, Elmano, ah! viste  
Sumir-se a florescente, e a murcha idade!*

*Olha em muros, que veste a escuridade,  
Olha a côr do teu fado, a côr mais triste:  
Talvez (agora!... agoral ..) elle te alistê  
No volume, em que lê a eternidade!*

*Oh tochas funeraes! Clarão medonho!  
Da morte oh mudas, solitarias scenas!  
Em vós arripiado os olhos ponho!...*

*Ah! Porque trenes, louco? Ah! Porque penas?  
Sonhas n'um ermo, e surgirás do sonho  
Em climas d'ouro, em regiões amenas.*

(1) Publicado no *Diario de Noticias*, n.º 14:361, de 19 de novembro de 1905.

## Ermida de N. Senhora da Pureza em Lisboa

(ERRATA E ADDITAMENTO)

No ultimo numero d'este Boletim publiquei uma pequena noticia ácerca d'esta ermida.

Sucedeu, que por lapso se disse, que ella era sita no districto da freguezia de S. Jorge, quando era na de S. José.

Depois da publicação encontrei na — *Lisboa Antiga e Lisboa Moderna* — de Angelina Vidal, tomo 1.º pag. 25 mais noticias ácerca da referida ermida; não conheço a fonte, onde foi bebel-as, entretanto resolvi addital-as para complemento do que disse, embora haja divergencia, emquanto á data da fundação.

São as seguintes:

«Morto o primeiro conde de Castello Melhor, o seu successor no vinculo comprou uma ermida, que estava na esquina opposta na rua da Gloria, e fez uma communicação do palacio para lá, por meio d'um passadiço.

«Em uma janella d'esse passadiço mandou gravar o seguinte:

«*Esta capella é de Nossa Senhora da Pureza do amor de Deus. Feita em julho de 1585 e agora renovada pelo Padre Antonio de Castilho, em abril de 1692.*»

Na sobreverga lia-se: — «*Esta Ermida é do conde de Castello Melhor — Anno de 1720.*»

Depois do terremoto de 1755 o conde foi elevado a Marquez e mandou construir um novo palacio, segundo o risco do celebre

architecto italiano Francisco Xavier Fabri; as obras começaram no anno de 1777.

A ermida, que era lindissima, feita de bella cantaria e com duas columnas monolithicas no altar mór, foi sagrada em 27 de junho de 1858. (1)

No dia da sagração houve uma esplendida festa com musica do immortal maestro Casimiro, a quem o Marquez de Castello Melhor multissimo estimava, com aquelle affecto delicadissimo, que os antigos fidalgos dedicavam á fidalguia de genio.»

### *Monsenhor Alfredo Elviro dos Santos*

---

(1) As columnas eram seis, todas d'uma só pedra; estão actualmente na fachada do lado do sul do Museu de Artilharia.

# O PELOURINHO DE TURQUEL

(COUTO DE ALCobaça)

Conforme se depreheude foi este pelourinho pertencente a um dos muitos coutos que tinha o mosteiro de Alcobaça, sendo o principal de todos e, por esse motivo, o que mais attenções mereceu sempre aos diversos abbades do mosteiro (1). Os coutos não tinham todos a mesma natureza, não valendo portanto para os mesmos crimes nem gozando das mesmas isempções, como poderá ver quem quer que tenha desejos de conhecer o modo como antigamente era administrada a justiça, recorrendo ao primeiro volume das *Memorias* da Academia Real das Sciencias, pagina 98 e ao volume segundo, paginas 171. Ali vem circumstanciadamente narrada a historia dos coutos.

O pelourinho de Turquel, que se encontra actualmente no Museu Archeologico do Carmo, em Lisboa, é todo de granito lavrado e representa uma das mais curiosas antigualhas do couto referido, assim como é um magnifico specimen da esculptura da idade media. No cimo da sua columna, que mede 3 metros e 20 centimetros de alto, está uma especie de cupula, vendo-se n'esta, na frente, a figura de um dos abbades do mosteiro a cuja jurisdicção pertenceu.

Como a gravura junta deixa ver os detalhes do pelourinho em questão, dispensavel se me afigura entrar em descripção mais minuciosa.

---

(1) Os abbades de Alcobaça eram senhores de treze villas (sendo Turquel uma d'essas) e em todas tinham o direito de civil e de crime, «com mero e mixto imperio», por alvará de D. Pedro I; sentencavam em todos os casos até á pena de açoutes, baração e pregão, e de degedo inclusive, sem haver das suas sentenças appellação nem aggravo.

A este pelourinho faltam os respectivos degraus, que seguramente havia de ter como todos os outros; e notam-se pequenos defeitos na columna, pouco sensíveis, porém, se attendermos á sua antiguidade e ainda ao facto do completo abandono a que esteve



**O Pelourinho de Turquel (1)**

votado enquanto não deu entrada no Museu, onde não é das menores preciosidades que reclamam a attenção do visitante erudito.

Foi este pelourinho offerecido ao Museu Archeologico, em 1874, pelo benemerito e saudoso investigador de antiguidades, Joaquim Possidonio Narciso da Silva, a quem o paiz é devedor de muitos e valiosos serviços á architectura e, em especial, á archeologia, como o comprova o consenso unanime das homenagens que á sua memoria tem sido prestadas no paiz e no estrangeiro e ao facto de ter sido o iniciador do referido Museu.

SILVA LEAL

(1) Gravura offerecida pelo auctor.

## CRUZEIROS NOTAVEIS

(Contin. do n.º anteced.)

XXX

### **Ainda os Cruzeiros da Cruz Quebrada Fr. Rodrigo de Deus Um devoto do bem publico**

Ao lêr a inscripção da cruz situada no parapeito da ponte do rio Jamor, da qual tratámos no artigo XVI, ninguem diria que ella representasse mais do que um voto exclusivamente religioso, sendo um esconjuro contra os diabolicos maleficios. Puro engano! Aquella cruz, assim como outras circumvisinhas, é o modesto padrão commemorativo de uma obra de utilidade publica. Na «Chronica da Provincia da Arrabida» vamos encontrar o devido commentario, que nos dá a chave do enigma.

Não ha duvida que o elemento religioso preponderou no facto, ou na série de factos, que se quiz perpetuar por aquella fórma, mas é indiscutivel tambem que só se trata afinal de contas de uma obra destinada a augmentar as commodidades do povo. Foi um frade que a iniciou e promoveu, dirigindo-a com acerto e efficacia.

Chamava-se elle, o humilde mas benemerito arrabido, Frei Rodrigo de Deus e nascera na villa de Britiande, bispado de Lamego. Quatro annos depois de haver professado, em consequencia das suas aturadas vigalias, jejuns e demais rigores de um acrisolado mysticismo, veiu a perder o juizo. Dois annos esteve recolhido na enfermaria do Hospital de Lisboa até que recuperou a intelligencia, graças aos esforços dos medicos e ás orações dos seus confrades, que receiavam vêr extinguir-se n'elle um perfeito exemplar das virtudes christãs. Era um possesso do amor divino como tantos outros que enxameavam n'aquelle tempo no claustro e fóra d'elle, sem attingir comtudo o grau de sublimidade de um frei Jacopone de Todi ou de uma Santa Thereza de Jesus, dois dos maiores poetas do ideal ascetico.

A cura de Fr. Rodrigo de Deus talvez não fôsse completa, pois uma ou outra vez o vêmos praticar acções, que não denun-

ciam absoluta integridade intellectual, mas que podem tomar-se á conta, e assim o considera a «Chronica», de excessos de fervor religioso. Algumas particularidades, narradas em tom de panegyrico pelo seu biographo, denotam o seu character excentrico. Uma vez, estando de guardião no convento de Alferrara, attribuiram-lhe uma culpa, que se dizia infundada, pela qual o Provincial o mandou fazer serviço na cosinha. Não obstante considerar-se innocente e julgar injusta a pena, acceitou-a resignado e nos dias que esteve na cosinha deu provas de que não seria indigno discipulo de Vatel, ensinando aos moços a maneira de fazer a comida com toda a limpeza.

Como quer que seja, Fr. Rodrigo de Deus era um tresloucado ou um maniaco, mas as suas originalidades davam-lhe para fazer bem, pelo que devemos reconhecimento e respeito á sua memoria. Não era só um fanatico das praticas e virtudes monasticas; era tambem um homem prestimoso e amante do progresso material, como se vae vêr.

Residia elle no convento de S. José de Ribamar e causavam-lhe penosissima impressão os incommodos que soffriam não só os moradores do sitio e circumvisinhanças, mas tambem todos os transeuntes, que luclavam com innumeradas difficuldades na travessia dos rios, que vão desaguar na enseada de S. José — Laveiras, Linhalpastor — (hoje por corrupção Linda-a-Pastora) e Algés. Nas margens d'elles havia homens que se encarregavam de transportar ás costas as pessoas que não iam em cavalgaduras, porém quando chegava a noite, ou por occasiões de grossas levadas, os perigos e obstaculos augmentavam, ora padecendo as vidas, ora padecendo a moralidade.

Condoído d'estas desgraças e d'estas inconveniencias, resolveu o servo de Deus vir perante o senado de Lisboa expôr de viva voz tão momentoso assumpto, supplicando eloquentemente a adopção das providencias que o caso reclamava. Presidia então ao senado D. João de Castro. Foi ouvido o frade com a attenção que merecia, mas vacillou-se muito no favoravel despacho do requerimento, attentas as grandes sommas, que era necessario dispender. Reconheceu-se, porém, que a obra era, não só de extraordinario beneficio, mas de urgencia imperiosa, e por isso se concordou n'ella com a clausula de que Fr. Rodrigo de Deus ficaria sendo o director,

na certeza de que ninguém o excederia em zelo, activando os trabalhos e repartindo com parcimonia os dinheiros.

Não menos de vinte e quatro mil cruzados saíram dos cofres do município de Lisboa para esta humanitaria empreza, de que Rodrigo de Deus se desempenhou cabalmente, chamando para seu auxiliar Fr. Manuel das Chagas. Fr. Antonio da Piedade, a pag. 966 do primeiro volume da sua «Chronica da Provincia da Arrabida», explana as obras executadas, caminhos, pontes, etc., mencionando como padrões commemorativos tres cruces, uma das quaes ficava á distancia de dois tiros de mosquete do convento de S. José, da parte de quem vinha de Lisboa. Era de marmore, brunida com todo o primor.

Esboçamos a physionomia moral de Fr. Rodrigo de Deus segundo as impressões que nos deixou a leitura das paginas que lhe consagra a *Chronica* da sua ordem. Imaginámol-o um simples um bom coração, um mystico e mal podiamos suppôr n'elle um tal ou qual merecimento litterario. O seu nome, porém, acha-se registado na *Bibliotheca Lusitana* e no *Diccionario Bibliographico*. Parece ter tido convivencia com Fr. Agostinho da Cruz e D. Manuel de Portugal. As suas obras gosaram de grande voga, a ajuizar pelo numero das edições que tiveram, fazendo as delicias das almas sensiveis e tementes a Deus. Uma d'ellas *Tractado dos passos que se andam na quaresma* em prosa e verso, é uma especie de Auto, segundo a classifica Filinto Elysio, que declara ter chorado e feito verter muitas lagrimas, quando em pequeno a lia no seio da familia. O que é para extranhar é que Fr. Antonio da Piedade não fizesse menção dos trabalhos litterarios do seu confrade.

Num caderno de denunciações ao Santo Officio, que existe na Torre do Tombo, encontrou o sr. Pedro A. de Azevedo uma carta de Fr. Rodrigo de Deus datada da seguinte maneira: «de linha pastor, hoje 4.<sup>a</sup> feira 13 de julho de 606».

E' documento por mais de um motivo interessantissimo, pois nos pinta a indole do signatario e nos dá conta das suas occupações n'aquelle momento.

A carta divide-se em dois periodos essencialmente caracteristicos. No primeiro apparece o fanatico, no segundo o trabalhador benemerito. Fr. Rodrigo de Deus principia por denunciar á

ficava mihi acade. Caprotinet. in fine alom ra  
agua vai mostrádo. Si quode a v. s. Libianon  
prohe. Sjs 4<sup>a</sup> fe. is de villo de b. b.

Frei R<sup>o</sup> de D<sup>o</sup>

Fac simile do final da carta de Frei Rodrigo de Deus

Inquisição um contramestre de navio, portuguez de nação, natural do Porto, que viera numa embarcação ingleza, surta em Ribamar. Havia quatro annos que o dito contramestre, andava num barco da mesma nacionalidade, que roubou outro nosso, em que iam alguns frades, a que o portuguez serviu de valimento. Um dos frades reconhecera-o agora e levára-o ao convento, onde o visitante e seus companheiros não fizeram caso das imagens, o que produziu extranheza. Um dos frades perguntou ao nosso compatriota porque, sendo catholico, procedia assim. Ao que elle respondeu que em Inglaterra se vivia em liberdade de consciencia. Fr. Rodrigo, no intuito de lhe salvar a alma, apontava esta ovelha desgarrada aos inquisidores, E aqui está como o fanatismo pagava a sua divida de gratidão!

Na segunda parte da carta fala o empreiteiro, ou antes, o superintendente das obras. Fr. Rodrigo accrescenta particularidades omittidas na «Chronica». Assim se refere ao architecto Theodosio de Frias e a um Antonio Nettó, ao ultimo dos quaes consagra palavras elogiosas.

Illustramos este artigo com uma photogravura, que reproduz, com a respectiva assignatura, o final da carta de Fr. Rodrigo.

Revelada a existencia de uma terceira cruz pela «Chronica da Arrabida,» é bem de aereeditar que a nossa curiosidade ficasse anciosa por saber se ella se conservaria ainda de pé. Ao nosso illustrado amigo, Victor Ribeiro pedimos o obsequio de se incumbir da tarefa, e elle, como habil explorador archeologico, saiu-se airosamente da campanha, conforme se deprehende da sua interessante communicacão que passamos a transcrever :

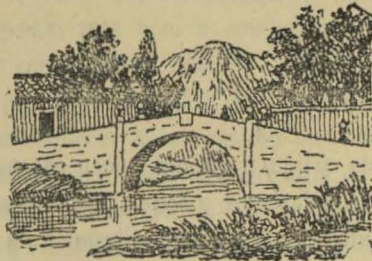
Junto ao moderno jardim de Algés, e sobranceiro a elle, na rampa que inicia a estrada que vae para Algés de cima e para Linda-a-Velha, em frente do portão de ferro do palacio do sr. conde de Cabral, e numa nesga triangular de terreno que tambem pertence ao mesmo senhor, ergue-se ainda a grande cruz de pedra, de mais de 4 metros de alto.

A propriedade do sr. conde de Cabral é a antiga cêrca do convento de S. José de Ribamar, cujos restos ainda existem no fim da quinta, e o terreno onde está a cruz extendia-se talvez como adro ou terreiro em frente da portaria da cêrca.

Esta cruz tem soffrido muito os insultos do tempo. Ha annos um vendaval quebrou-a e derrubou-a, depois o sr. conde de Cabral mandou-a concertar e gatear de bronze. Mas, como estava muito partida, entendeu gracioso revesti-la de hera; assim o fez e hoje a planta sempre verde, cobre-a toda, e tosquiada pelo jardineiro, desenha-lhe mais ou menos a fôrma do esqueleto de marmore.

A meio metro de distancia cerca-a uma grade tosca de madeira, coberta de cortiça e fechada com rede de arame, para resguardar a cruz «de hera» das depredações dos traseuntes e dos animaes.

Na base a cruz tem a mesma inscripção das suas irmãs da Cruz Quebrada e Linda-a-Pastora, o mesmo trecho biblico, de



**Antiga ponte de Algés**

que difficilmente se podem reconstruir passagens, afastando as heras, cujos troncos já grossos se prenderam á pedra por milhares de raizes, encobrindo as letras. Abaixo da legenda latina, na ultima linha da inscripção, lê-se claramente :

#### A CIDADE ANNO 1608

Não longe d'alli, para o lado de Lisboa, a velha ponte de Algés, de um só arco de volta inteira, construida pela mesma occasião, tem ainda sobre as guardas ou parapeitos, de um e

outro lado, duas tabellas de pedra, com moldura que superiormente rematava talvez em cruz, hoje partida. Nestas tabellas vêem-se na do lado da terra, o galeão, armas da cidade de Lisboa, e na do lado do rio, a inscripção seguinte :

A CIDADE  
MÁDOV FA  
ZER ESTA  
PONTE NO A  
NNO DE 1608

Os parapeitos da ponte terminam nos seus extremos por quatro grandes bolas de pedra, ou maçanetas enormes, como as que adornam, entre outras construcções antigas, os muros e paredes que circumdam o vasto largo em frente do sumptuoso palacio do marquez de Pombal, em Oeiras.

\*  
\*   \*  
\*

Apezar d'este artigo ir já um pouco extenso, estamos convencido que não enfadaremos o leitor, apresentando-lhe na integra, primeiramente os passos da «Chronica da Arrabida», em que se descrevem as obras dirigidas por Fr. Rodrigo de Deus e em seguida a propria carta d'este servo do Senhor.

«Padecião grande trabalho, todas as pessoas que das partes de Cascaes, Oeiras, e outros logares vinhão á cidade de Lisboa, por causa dos rios de Laveiras, Linhalpastor, e Algés, que vão desaguar na anceada de S. Joseph. Ordinariamente, ou quando vinhão ou quando se recolhião para suas casas os achavão crescidos por causa da maré que enchia; e querendo vadeallos se vião muitas vezes em evidente perigo de se afogarem, e algumas pessoas padecião esta desgraça.

«Não era tambem pequena a que expirimentavão outras em suas almas, offendendo a Deos gravemente.

«Havia alguns homens, deputados nas margens daquelles rios, para passarem ás costas assim a homens como a mulheres, que não levavão cavalgaduras; e como faltasse ás vezes o dia com a sua claridade, aproveitava-se o inferno das obscuras sombras da noite, para se augmentar no lucro dos seus malevolos contratos.

«Condoído o Servo de Deos de tanta miseria, e parecendo-lhe, que era ignorada de quem a podia remediar, determinou re-presentar-lha, para que a todo custo se obviassem tão grandes fatalidades.

«Pessoalmente foy um dia ao Senado da Camara, em que era presidente D. João de Castro; e na sua presença, e de todos os mais Senadores expoz todos os referidos discommodos; e com palavras, que dictava o seu caritativo zelo os persuadio, a que mandassem fabricar pontes e calçadas, para que estivessem as passagens seguras de todo o perigo e os caminhos fossem me-nos molestos no tempo do Inverno.

«Dificultarão a empresa, attendendo ao grande dispendio que o Senado havia de fazer; mas como as razoens, que lhes dava fossem para lhes attrahir as vontades, se resolverão a pôr em execução a proposta, mas com a condição, de que havia correr toda a obra por conta do seu zelo.

«Derão n'este arbitrio fiados, em que assim como mostrava tanto disvelo em requerer pelo remedio dos proximos, não seria menos zeloso em cuidar, que o dinheiro que se houvesse de gastar, fosse bem merecido, e com fidelidade dispendido.

«Acceitou a comissão no que pertencia á direcção das obras, e vigilante assistencia dos officiaes, escolhendo por Companheiro, com licença dos Prelados a Fr. Manuel das Chagas, pela muita capacidade que lhe conhecia para este ministerio.

«Logo fez conduzir todos os materiaes necessarios, e distribuiu os officiaes por varias partes, para que tendo a emulação a mayor parte na superintendencia, se concluísse a obra com brevidade, e perfeição.

«Principiou pelo Lugar de Pedrouços, e defronte d'elle mandou fazer huma pequena ponte, para resguardo das lamas do Inverno.

«Comprehendeo as margens do rio de Algés, junto á Quinta, que hoje possui o Duque de Cadaval Nuno Alvares Pereira, com

outra ponte levantada sobre hum forte, e grande arco, em que de huma, e outra parte se entra por calçada, que tambem mandou fazer. Antes de chegar ao Convento de S. Joseph os que vem de Lisboa em distancia de dous tiros de mosquete, mandou levantar huma Cruz de marmore, bornida com todo o primor, e de hum e outro lado duas calçadas, uma que termina no Convento, e a outra que se dilata por Barquerena, Caspolima e outras partes, que terá mais de meya legoa de comprimento.

«Ao pé do monte de Santa Catharina, para facilitar a quebrada de huma passagem, ordenou se fizesse uma pequena ponte; e mais adiante collocou outra Cruz como a primeira, e junto a ella principiou huma ponte formosa de tres arcos, toda de cantaria fabricada, em cuja fortaleza achassem os tempos, e as aguas mayor resistencia.

«Na fabrica desta ponte mostrou mais apurado o seu desvelo, por ser esta a passagem, que mais o havia provocado às lamentações, que fazia, e que o obrigarão a aceitar aquella incumbencia.

«Seguindo as margens do rio até o Lugar de Linhalpastor, nelle mandou tambem fazer outra ponte de tres arcos, e junto a ella outra Cruz, como as duas mencionadas, e ao pé de todas fez gravar hum letreiro, em que declara, que a cidade de Lisboa mandava fazer aquellas obras no anno de 1608.

«Em todas se dispenderão vinte e quatro mil cruzados; e se não fora a cuidadosa assistencia deste Servo de Deus, e de seu companheiro, se gastarião muitos mais, cujas confissões fazião os mesmos Senadores.»

\*  
\*   \*  
\*

«Junto a Santa Catharina está anchorado hum navio de ingreses que trouxerão trigo, e agora leuão sal, neste navio anda hum portugues natural do porto baptisado na freiguezia de santa catharina, casado em inglaterra, o qual antre os ingreses do navio que hõtem vinhão por a praia, foi conhecido de hum frade de santa catharina, que veio da observãçia pera nos o ano passado que se chama frei diogo da paixão o qual portugues andava por

cõtra-mestre de hum navio ingres que avera 4 anos, que roubou outro, em que este frade cõ outros seus companheiros vinhão das ilhas e os tratarão mui mal. E por que naquelle trabalho este contra-mestre, por portugues lhes foi em alguma maneira bõ pera não os tratarem pior, e o levou cõ os ingreses ao mosteiro, e os levou ao choro onde nem o portugues nem os outros fizerão nenhuma mensão do crucifixo nem dos altares ; estranhãdo o Religioso ao portugues a pouca demonstração que nelle via de ser catolico, e por que uiuia antre aquella gente, respondeo que la uiuão em liberdade da consciencia. faço a saber isto a v. s. pera que se vir que cõuem e he obrigação mãdalo buscar o faça logo antes que o navio de a vella, e pode ser que aquella alma que anda perdida fique ganhada. o frade irá ao navio pera o reconhecer.

«Esta obra da põte de santa Catharina onde ando cõ muita jente, sera trabalhosissima, e de mui grande enfadamento, por a muita agoa que nasce nos alicerses, e por a muita altura que cõuem que se caue, pera ganhar o firme e por ser a terra de calidade, que não se quer despedir das pas que pera a cortarem como valadores mãdei fazer, pelo que lus pouco o serviço e a põte tem 4 da outra pois tem 4 arcos sos nos quaes esta toda a dificuldade, e o verão vai-se acabãdo, e da camara não me acodem cõ tãta diligencia como cumpre, que ha 4 dias que ando pidindo me mãdem duas bombas e madeira pera fazer grades, pera que em chegãdo ao lugar donde se hão de assentarse asentem logo e não nos estejamos alagãdo cõ agua, respondeo-me o presidente que logo proueria, e creio que asi o tera mandado, mas os seus ministros não fizerão voto de obdiencia e assi não me mãdão nada. O dinheiro tambem não he demasiado, já ha duas ferias que não se paga tudo o que se deve por que uem mui agourentado. Theodosio de frias mãdou-me meter mais jente não o quis fazer sem ordem do presidente a que o escreui pera que se o mãdar madem tambem dinheiro não me respondeo, trago 30 seruidores e o mestre da obra, inda não meto pedreiros nem sei quando os poderei meter, por o vagar cõ que se abrem os alicerces.

«Em pidrouços vão correndo 8 ou 9 pedreiros no laurar da pedraria pera a fõte e 6 ou 7 seruidores, que vão desentulhãdo e preparãdo o lugar em que se ha de situar a fonte. Antonio neto vai prospero e deligentissimo na sua obrã. E acabala a mais

cedo que eu esta ponte, ficara mui be acabada e apraziuel cõ-  
forme a como ja agora vai mostrãdo. Deus guarde a v. s. de li-  
nha pastor hoje 4.<sup>a</sup> feira 13 de iulho de 606. = *frej. Rodrigo de*  
*Deus.*» (1)

## XXXI

### **Ainda mais noticias ácerca dos cruzeiros de Cascaes**

Do illustrado sacerdote e distincto archeologo monsenhor  
Alfredo Elviro dos Santos, recebemos uma interessante carta, em  
que se fazem mais referencias aos cruzeiros do concelho de Cas-  
caes. Gostosamente passamos a reproduzil-a :

*Ex.<sup>mo</sup> consocio.*

Tenho lido com todo o interesse os excellentes artigos que  
v. tem publicado no *Diario de Noticias*, e tem sido transcriptos  
no «Boletim» da nossa Associação ácerca dos cruzeiros.

Nasci em Cascaes, e por isso tenho interesse em tudo o que  
diz respeito a tal terra.

Tenho procedido a algumas investigações e já tenho publi-  
cado e fornecido apontamentos para a historia das suas antigui-  
dades.

Em additamento ao que o sr. Victor Ribeiro disse a v. ácerca  
dos cruzeiros do concelho de Cascaes, direi que falta indicar um  
dos mais notaveis ; differe de todos.

---

(1) Torre do Tombo 6.<sup>o</sup> caderno do promotor fl. 29.

Conheci-o no logar em que está, mas á beira da estrada, e quasi a desmoronar-se. Quando o sr. Antonio Vianna construiu a casa, que habita, fez com que ficasse em terreno seu e cuidou da sua conservação.

O cruzeiro, segundo corre pela tradição, foi collocado em logar onde se commetteu um crime.

Não lhe diviso inscripção; pôde ser que a tenha; mas talvez esteja tapada com o musgo.

Apenas no cimo da cruz, do lado que olha para Cascaes, tem as letras J. N. R. J.

O primeiro degrau tem 8 palmos, o segundo 6 e o terceiro 4.

A columna tem 11 palmos e meio, pouco mais, pouco menos.

Havia outro cruzeiro no alto da costa, na antiga estrada que de Cascaes seguia para Lisboa. Ficava á esquerda.

O terreno do leito da antiga estrada até pouco mais adiante do Alto da Costa pertence hoje á sr.<sup>a</sup> duquesa de Palmella.

O cruzeiro foi derrubado não sei se de proposito, ou por qualquer cataclismo: ainda se vê parte da base; era muito simples.

A ermida de Nossa Senhora da Conceição não pertence a nenhuma irmandade; é do povo, e administrada pela junta de parochia da freguezia de Cascaes.

O voto de 1755 não foi só feito por pescadores, mas sim por toda a povoação.

Ainda hoje tomam parte na procissão todas as classes sociaes, inclusivé a classe nobre, que se encontra a veraneiar, tendo á frente a sr.<sup>a</sup> duquesa de Palmella, que patrocina o culto só com a sua presença.

Em tempos predominavam em Cascaes as classes dos militares maritimos e pescadores; hoje predomina a classe dos artistas; os pescadores são quasi todos estranhos ao concelho; fazem parte das armações; pertencem a Cezimbra, Peniche, Algarve, etc.

Os antigos maritimos trouxeram da India, China e Brazil objectos ricos para as egrejas de Cascaes. A igreja da Ressurreição (hoje demolida) e a dos Navegantes é que foram construidas por homens do mar.

Duas inscripções que estavam do lado da porta da igreja da Resurreição estão hoje no Museu Archeologico do Carmo.

O cruzeiro indicado pelo menino Arnaldo Petracchi está situado á esquerda na estrada que segue da estrada de Cintra para o logar da Amoreira e não na de Cintra.

V. dignar-se-ha tomar estes meus esclarecimentos no apreço que julgar merecerem.

Sou com toda a consideração.

De v.

Consocio admirador

Lisboa, Real e Parochial Igreja de Santa Engracia, 23 de setembro de 1905.

*Monsenhor Alfredo Elviro dos Santos.*

# Relatorio do Conservador da Bibliotheca

RELATIVO AO ANNO DE 1904

Senhores: -- Desde que nos foi commettido o honroso encargo da conservação e superintendencia da Bibliotheca da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, foi o anno proximo findo de 1904 aquelle em que maior desenvolvimento teve a nossa livraria; por isso que foi ampliada com duzentos e sessenta e dois volumes, sessenta e sete folhetos e cento e sessenta e tres fasciculos, o que constitue cento e noventa e seis obras.

São muitos e variados os assumptos que tratam essas obras, escriptas em diferentes idiomas: latim, portuguez, hespanhol, francez, inglez, italiano e sueco; encontrando-se entre ellas muitas de incontestavel interesse e subido merito.

Na sua grande maioria são provenientes de offertas a esta Associação pelas seguintes entidades: Ministerios do Reino, e de Instrucção Publica de França. Academias: Real de Sciencias de Lisboa, de Inscriptões e Bellas-Lettras de França, e de Sciencias e Artes de Barcelona. Associações: Artistica-Archeologica Barcelonesa, dos Conductores de Obras Publicas, dos Engenheiros Civis Portuguezes, e de Soccorros Mutuos dos Empregados do Commercio e Industria.

Pelas Bibliothecas: Publica do Porto, e da Universidade de Coimbra. Collegios: de S. Fiel, e de Engenheiros e Architectos de Toscana. Commissão de trocas internacionaes e pela Diocese de Lyão. Pelas Direcções: do Atheneu Commercial, Geral de Instrucção Publica, e das Cozinhas Economicas. Museu Ethnologico Portuguez e pelos Institutos: Americano de Architectos, e de Coimbra. Liga Portugueza de Paz e pelas seguintes Sociedades: de Antiquarios de Stokolmo, Castelhana de Excursionistas, Central de Architectos da Belgica, de Geographia de Lisboa,

Litteraria Almeida Garrett, Nacional de Bellas Artes, Real Nacional de Horticulura de Portugal e Siciliana de Historia Patria.

Pelos senhores: Adolpho Loureiro, Arthur Lamas, Ascensão Valdez, Castanheira das Neves, Cazalis de Fondouce, Guilherme João Carlos Henriques, Costa Goodolphim, João Manuel Esteves Pereira, J. A. Bentes, José Gomes, Julio Meili, Manuel Joaquim de Campos, D. Manuel Pérez-Villamil, Monsenhor Bulic, Oliveira Guimarães, Rocha Dias, Santos Rocha, Sousa Viterbo, Tavares Proença Junior, Tito Benevenuto de Sousa Larcher, Victor Ribeiro e Visconde de S. João da Pesqueira.

Recebemos as publicações dos Congressos, Colonial Nacional, e de Architectos celebrado em Madrid no anno proximo findo, Congressos em que a nossa Associação se fez representar.

Do nosso consocio o sr. Rocha Dias recebemos varios manuscriptos referentes a trabalhos da Companhia Lisbonense de Edificações Urbanas, interessantes para a historia d'aquella empresa.

Recebemos com pontual regularidade o Diario do Governo, e es seguintes jornaes, que as suas administrações têm a amabilidade de nos enviar em troca do nosso Boletim: Primeiro de Janeiro, Tradição, Districto de Leiria, Construcção Moderna, Diario e a Tarde.

Por assignatura, continuamos a receber a «Arte e Natureza em Portugal», de que já possuímos 47 numeros, assim como 17 tomos do «Diccionario Historico, Biographico, Heraldico, Corographico, Numismatico e Artístico.

Com o numero 12 da quarta serie do Boletim d'esta Associação, completamos o nono volume d'aquella publicação, e archivamos o numero 1.º do decimo volume.

Da Camara Municipal do Porto recebemos o favor de duas photographias de ruas d'aquella cidade que vão soffrer importantes alterações.

Os documentos de varias despesas que fizemos com assignaturas de publicações, encadernações e compra d'uma estante para exposição d'estampas, acham-se em poder do nosso digno Thesoureiro que os apresentará por occasião de relatar a sua gerencia.

Para o incremento que teve a nossa Bibliotheca durante o

anno findo, concorreu um importante donativo que a Academia Real das Sciencias fez á nossa Associação.

Em 16 de Novembro de 1903 tivemos a honra de dirigir um officio ao Secretario Geral d'aquella Academia pedindo, em nome d'esta Real Associação, a fineza da concessão d'um exemplar das publicações d'aquella respeitavel corporação scientifica, que mais se relacionassem com a especialidade dos estudos d'esta Sociedade, ou mesmo sobre outros ramos de conhecimentos; por isso que quanto mais avançamos no estudo das sciencias mais conhecemos a intima ligação que tem entre si, e que o progresso d'umas está subordinado ao desenvolvimento d'outras.

Respondeu o illustre Secretario Geral da Academia, o sr. Adriano Augusto de Pina Vidal, communicando-nos, em officio de 20 de Fevereiro de 1904, que a referida Academia gostosamente accedia á nossa solicitação, e que as obras destinadas á nossa Bibliotheca achavam-se separadas nos depositos d'aquelle estabelecimento scientifico á disposição da Real Associação.

Effectivamente alli nos foram entregues cento e vinte e tres obras em duzentos e doze volumes e quarenta e oito folhetos.

E' de subido apreço este dom, pelo valor moral, numero d'obras e merito scientifico e litterario que caracteriza as publicações d'aquella auctorizada corporação, a quem prompta e devidamente agradecemos em nome da Real Associação, assim como a todas as outras entidades que fizeram offertas á nossa Bibliotheca.

Com a maior satisfação consignamos aqui o nosso reconhecimento e louvor á illustre e sabia Academia, ao seu erudito secretario o sr. Adriano Augusto de Pina Vidal pela solicitude que manifestou a favor do nosso pedido, e ao sr. Antonio da Costa Moreira a quem foi commettido o encargo da escolha das obras que nos foram cedidas, pela esmerada selecção que habilmente effectuou, no empenho de ser agradavel e bem servir esta Sociedade.

Permittam os nossos consocios que lhes recommendemos as seguintes obras:

«Moeda Fiduciaria no Brazil, desde 1771 até 1900» terceira parte da importante obra, primorosamente illustrada, do nosso socio o sr. Julio Meili, intitulada «Meio circulante no Brazil.»

«Numismatica Colonial Portuguesa» pelo nosso consocio o sr, Manuel Joaquim de Campos.

«Memoria das Moedas correntes em Portugal desde o tempo dos Romanos até ao anno de 1856.» por Manuel Bernardo Lopes Fernandes.

E o «Catalogo descriptivo das moedas portuguezas e outras que formam parte da collecção que foi organisada por José Lamas.» Este catalogo menciona perto de 1500 exemplares colligidos por aquelle distincto amator, que, com muita dedicação e amor, formou um notavel medalheiro que seu filho e nosso digno consocio o sr. Arthur Lamas continua enriquecendo com superior criterio e piedosa veneração pela memoria de seu pae, que tanto affecto dedicou ao estudo da numismatica.

Muitas são as obras que pelo seu elevado merecimento deviamos apontar á attenção dos nossos consocios; porém a difficuldade de lhes fazer a critica e o receio de abusar da complacencia da Assembléa, tornando longa esta modesta exposição, impõem-nos o dever de nos limitar; por isso indicamos apenas as obras sobre numismatica por ser um dos ramos mais attrahentes e instructivos da archeologia.

Pelo estudo das moedas e medalhas antigas conhecemos as religiões e o culto dos differentes povos da antiguidade; o estado do seu desenvolvimento, civilisação e progresso artistico; a sua riqueza e distribuição geographica.

Vaillant, auxiliado pelo incontestavel testemunho das medalhas, ordenou a historia dos reis da Syria, desde Alexandre Magno, até este paiz cahir sob o poder do dominio romano.

Goltzio, tambem auxiliado pelo estudo das moedas consulares, descreveu chronologicamente os nomes de muitos homens distinctos até então desconhecidos!

Spon, soccorrendo-se das moedas do imperio romano, compoz o catalogo de todos os imperadores, desde Julio Cesar até Heraclio.

Pelas tradicções gregas, que ulteriores descobertas archeologicas confirmaram, as mais antigas moedas não remontam além do seculo VII anterior á nossa era, o que já é uma respeitavel antiguidade.

Gregos e Romanos, salvo raras excepções, não fizeram distincção entre medalhas e moedas; eram estas numerario circulando.

te, e monumentos commemorativos de factos dignos de passarem á posteridade.

Foi no seculo XV que se principiou a cunhar medalhas especialmente commemorativas d'um facto historico ou d'um personagem notavel; separando-se estas commemorações das moedas circulantes.

Poucos feitos praticaram os gregos, os romanos, e mesmo outros povos da antiguidade que não se achem commemorados nas suas moedas; por isso são ellas um importante subsidio para o estudo da historia antiga.

Representam aquelles apreciaveis monumentos os idolos, e as funcções mysteriosas do culto d'aquelles antigos povos; os templos, os instrumentos empregados nos sacrificios; estatuas, circos e arcos triumphaes.

Por elles adquirimos conhecimento das armas que empregavam na guerra, das coroas que conferiam aos seus heroes, dos triumphos que lhes decretavam, dos nomes dos seus imperantes; cerimonia usado nos seus funeraes, as suas apotheoses e muitas outras coisas de que somos instruidos melhor pelas medalhas do que pelos livros.

São as moedas e medalhas antigas, documentos authenticos, irrefragaveis, inalteraveis e contemporaneos dos factos que representam; isentos de adulterações e interpolações a que estão sujeitos os documentos escriptos; por isso um valioso auxilio da historia e um meio seguro de verificar a authenticidade dos historiadores que se contradizem.

Os historiadores antigos omittiram muitas circumstancias necessarias á boa intelligencia da historia, deixando lacunas que o estudo da numismatica muito tem contribuido a preencher.

E' certo que esses historiadores descreveram os factos com uma elegancia e vigor de colorido que até hoje ninguem excedeu, e cujo encanto arrebatava e fascina o leitor; porém aquelle que profunda a historia e pretende descobrir a causa efficiente dos successos que a constituem, desanima, embora encantado pelo esplendor do estylo, ao deparar com graves omissões, especialmente nos auctores gregos, que não dão uma idéa exacta da historia do seu paiz, da sua chronologia, das suas leis e das suas relações com outros povos.

Coube aos historiadores modernos, depois de vencerem graves difficuldades, preencherem essas deficiencias.

Os romanos são mais instructivos. Tito-Livio legou-nos uma historia que é sem duvida a mais detalhada, a mais eloquente, a mais bella e completa que nos transmitiu a antiguidade; entretanto são sensiveis as lacunas e absurdas as fabulas que por vezes a vem escurecer, embora desculpaveis, attendendo á influencia do meio em que elle viveu.

Tacito é d'uma eloquencia sem rival e profundamente moralista; todavia Voltaire accusa o, com razão, de pouco instructivo.

A philosophia de Hume, de Robertson, de Gibbon, de Montesquieu e de Voltaire bem vale a distincção de fórma e vigor de colorido dos antigos historiadores.

São estes auctores inglezes e francezes que ligam a historia moderna á da antiguidade; n'elles se encontra a alliança da erudição mais notavel com a critica mais instructiva.

Souberam estes grandes espiritos tirar da historia reflexões geraes que os eleva, segundo a expressão de Fontenelle applicada a Leibnitz, acima da propria historia!

N'elles se encontra o estylo simples e facil, ordem e clareza, e um profundo amor da humanidade que os colloca superiores aos historiadores antigos: a Thucydides, a Tito-Livio e mesmo a Tacito!

A historia assim escripta. assim concebida, terá menos colorido, menos seducção; mas incontestavelmente dá lição mais proficua.

Antes que espiritos reflectidos tirassem do estudo das moedas subsidios para a historia, foram as collecções de medalhas antigas simples objectos de curiosidade sem importancia scientifica, assim como o foram as collecções de fosseis, que deram margem ás theorias mais phantasiosas e absurdas para explicar a sua proveniencia, apezar de que, a dar credito a Herodoto, já era conhecida dos sacerdotes do antigo Egypto.

Aristoteles, Xenophonte e Strabão, parece terem presentido a verdadeira origem d'esses restos de organismos encontrados nas camadas geologicas.

- Em 1550, Leonardo de Vinci ensinava que os fosseis eram

restos de seres organicos que tinham vivido em epochas remotas, e em 1680, Bernardo de Palissy evidenciava esta verdade nas suas prelecções pela primeira vez em Paris.

Cuvier, estudando esses fosseis com singular discernimento e aturada applicação durante vinte annos. funda a paleontologia, sciencia indispensavel para o conhecimento da evolução dos seres; porém funda-se n'um principio falso; o dos successivos cataclysmos e de novas e successivas creações; principio ainda admittido por d'Orbigny e que os trabalhos de Lyell destruíram demonstrando á evidencia que a evolução geologica é lenta e successiva:

Werner, cujo nome é celebre em mineralogia, e a quem cabe a honra de ter estabelecido as bases da geologia, provou que os differentes terrenos se distinguíam pelos differentes fosseis que n'elles se encontram; applicando o seu estudo á classificação das diversas camadas geologicas.

Geoffroy Saint-Hilaire tira do estudo da paleontologia illações que applica á philosophia zoologica, e Huxley á anatomia comparada.

Lamarck, Darwin e Haeckel adduziram provas para fundamentarem logicamente a theoria da transformação por evolução natural!

Se a necessidade, a arte e a vaidade humana nos legou moedas e medalhas de cujo estudo o sabio tira elementos historicos e conhecimento dos progressos das sociedades que se extinguiram, o naturalista e o philosopho que estudam o grande problema da vida, encontram nos fosseis outras tantas medalhas em que a natureza revela a incommensuravel antiguidade da vida e a admiravel instabilidade relativa das formas; desenrolando aos olhos do pensador esse maravilhoso panorama em que apparecem pela primeira vez nos terrenos paleozoicos os seres organicos mais rudimentares, desenvolvendo-se progressivamente atravez das epochas geologicas até ás primeiras camadas do postpliocenico em que se manifesta o ser mais perfeito, mais nobre, mais elevado na escala zoologica: o homem!

No seio d'uma associação tão solidamente illustrada, não é fóra de proposito recordar as notaveis conquistas da sciencia, e das sciencias naturaes que se relacionam com todas as outras, formam a base solida dos conhecimentos humanos, e unicas que dão ao homem a verdadeira noção do logar que occupa no universo!

Foi o nosso maior empenho satisfazer com zelo os deveres do encargo que nos foi commettido, e merecer a honra da approvação dos actos da nossa gerencia.

Lisboa, 8 de Março de 1905.

*Visconde da Torre da Murta*

Conservador da Bibliotheca.

**Mappa demonstrativo das materias que tratam as obras  
que adquiriu a  
Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes  
durante o anno de 1904**

Materias de que tratam as obras	Numero de		
	Volumes	Folhetos	Fasciculos
Historia . . . . .	145	44	60
Architectura . . . . .	5	1	3
Archeologia . . . . .	14	5	25
Numismatica . . . . .	4	1	
Geographia . . . . .	2		14
Sciencias Naturaes . . . . .	1		4
Litteratura . . . . .	14		
Polygraphia . . . . .	77	16	57
	262	67	163

REAL ASSOCIAÇÃO  
DOS  
ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

---

ACTA N.º 9

Sessão de Assembléa geral em 12 de Maio de 1905.

Presidencia do Ex.<sup>m</sup> Sr. Conselheiro Augusto José da Cunha.  
Secretarios, Rocha Dias e o sr. Francisco Carlos Parente.

Abertura ás 8 horas e 30 minutos da noite.

Presentes, alem da Mesa, os seguintes socios: srs. Rosendo Carvalheira. Guilherme Henriques, Francisco Soares O'Sulivand, Antonio Cesar Mena Junior, Victor Ribeiro, Jesuino Ganhado, Sebastião da Silva Leal, J. Rodrigues Fernandes e José Alexandre Soares.

Acta — approvada.

Correspondencia :

Justificação de falta do sr. Ernesto da Silva, thesoureiro ;  
Officio do socio effectivo sr. João Feliciano Marques Pereira, participando que diligenciava terminar, no mais curto espaço de tempo que possa, o elogio historico do nosso presidente sr. conde de S. Januario ;

Outro do sr. conselheiro Augusto Fuschini, presidente da Comissão Executiva dos Monumentos Nacionaes, enviando duas photographias do cruzeiro de Grijó e uma do de Albergaria, as quaes foram offerecidas ao Museu d'esta Associação pelo nosso socio correspondente sr. José Pinto da Silva Ventura.

Mandou-se agradecer ao offerente.

Outro do presidente da Comissão Administrativa do Hospital de Santo Antonio de Penamacôr, o sr. Adelino Pinheiro Galhardo, pedindo o auxilio da Associação para solicitar do governo de Sua Magestade que mande reparar a obra de talha do tecto da egreja do extincto convento de Santo Antonio d'aquella villa.

Resolveu-se annuir ao pedido.

Com a approvação do Conselho foram admittidos a socios effectivos os srs. Frederico Evaristo da Silva Gomes, architecto pela Escola de Bellas Artes de Lisboa, e tenente coronel Manuel José da Cunha Brandão, escriptor archeologia.

A votação fez-se por espheras. Tinham sido propostos, o sr. Silva Gomes, pelos srs. Francisco Carlos Parente, J. Rodrigues Fernandes e Eduardo Rocha Dias; o sr. Cunha Brandão, pelos srs. Visconde da Torre da Murta, Gabriel Pereira e Eduardo Rocha Dias.

Apresentou-se uma proposta para ser considerado socio effectivo o sr. coronel commandante das guardas municipaes, Philippe Malaquias de Lemos, amator de archeologia.

Para cumprimento da resolução em vigor, foi enviada ao Conselho, depois de terem manifestado a sua adhesão á mesma proposta os srs. Rosendo Carvalheira, Silva Leal e Jesuino Ganhado.

O sr. Rosendo Carvalheira referiu-se a uma proposta que opportunamente espera fazer para que a Associação empregue as convenientes diligencias a fim de que, por amigavel accordo, nos seja cedida uma pequena parte do quartel do Carmo em continuação da ultima capella do lado oriental, onde, segundo a tradição, era o aposento predilecto do Condestavel, e que encerra lindissima obra de esculptura em cantaria: armando-se n'esse logar uma capellinha, poderiam ahi guardar-se as ossadas deste valente guerreiro e fervoroso christão, o que innegavelmente constituiria mais um elemento de attracção ao nosso Museu. Em todo o caso julga que o assumpto carece de ser estudado.

Estando incumbido de fazer o elogio historico do vice-presidente Valentim José Corrêa, declara que só em outubro proximo lhe será possivel concluil-o.

-O sr. Presidente apresentou a primeira parte da «Corres-

pondencia do Marechal Duque de Saldanha», editada pelo socio effectivo sr. Guilherme Henriques (da Carnota) e por S. Ex.<sup>a</sup> offerecido á Associação.

Registaram-se agradecimentos e elogios por este valiosissimo trabalho, do qual os srs. Presidente e Victor Ribeiro se occuparam nos mais lisongeiros termos, a que o sr. Guilherme Henriques se mostrou reconhecido.

O sr. Francisco Carlos Parente pediu que se exarasse na acta a seguinte declaração: que, se estivesse presente na ultima reunião de assembléa geral em que foi approvada uma these para ser submettida ao Congresso Internacional de architectos em Londres, tel-a-hia rejeitado; unicamente lhe daria o seu voto, se fosse destinada a um congresso nacional.

O sr. Mena Junior agradeceu ao sr. Presidente e aos socios presentes na sessão anterior o terem resolvido que se lançasse na acta um voto de sentimento pela morte de seu bondoso pae.

O sr. Francisco Soares O'Sulivand perguntou d'onde partiria a iniciativa da proposta para se discutir no Congresso de Londres a these a que alludira o sr. Parente.

O sr. J. Alexandre Soares, como secretario da secção de architectura, respondeu que não se associára a essa proposta pela secção apresentada em officio, que foi lido na mesa.

Tratando-se da nomeação de um delegado d'esta Associação para, conjunctamente com os delegados da Sociedade dos Architectos Portuguezes, da Sociedade Nacional de Bellas Artes e os Membros do Comité portuguez permanente dos congressos internacionaes, eleger os tres membros de honra, vice-presidentes da Commissão de Patronagem, no 7.<sup>o</sup> congresso internacional de architectos que se realisa em Londres em 1906, o sr. J. Alexandre Soares prestou explicações relativamente ao officio que sobre este assumpto se recebera do sr. Ventura Terra, presidente do conselho director da Sociedade dos Architectos Portuguezes. E depois de breves observações, a assembléa, por aclamação, nomeou delegado o socio effectivo sr. Antonio do Couto.

O sr. Mena Junior lamentou o atrazo da publicação do *Boletim* da nossa Associação.

O sr. Gabriel Pereira disse, entre varias ponderações, que a

typographia não tem sido pontual em consequencia de outros trabalhos que tomou a seu cargo.

O sr. Mena Junior ainda observou que não era só o atrazo correspondente a um anno ou quatro numeros, mas outras circumstancias se tornavam dignas de reparo na execução technica; e, portanto, propunha que a mesa ficasse auctorizada a pedir propostas a differentes typographias para se obter toda a regularidade, economia e perfeição na publicação do nosso *Boletim*.

A final resolveu-se que o sr. Gabriel Pereira, na qualidade de director do *Boletim*, exigisse do proprietario da typographia o cumprimento das condições reclamadas e que, se elle não pudesse satisfazel-as, o mesmo sr. Gabriel Pereira tratasse com qualquer outra typographia, conforme propunha o sr. Mena Junior.

O sr. Silva Leal pediu com instancia que se reunisse a commissão encarregada de dar um parecer definitivo ácerca da sua proposta sobre conservação de pelourinhos.

O sr. Presidente disse que, sendo o sr. Silva Leal um dos membros dessa commissão, podia promover com os seus collegas que ella se constituísse.

Sob proposta do sr. Victor Ribeiro, deliberou-se contribuir para a construcção do monumento ao notavel estadista Marquez de Pombal, que poderosa e sabiamente favoreceu o desenvolvimento que as artes no seu tempo adquiriram entre nós; devendo perguntar-se desde já ao sr. thesoureiro Ernesto da Silva quanto poderia o nosso cofre dispender para este patriotico fim e servindo a resposta de base para a assembléa na sua proxima reunião fixar a quantia com que a Associação ha de inscrever-se.

A este respeito offereceram diversos alvitres os srs. O'Sullivan, Ganhado e Parente.

O sr. J. Rodrigues Fernandes propoz um voto de congratulação por ter sido elevado ao pariato o nosso illustre Presidente e que em seguida se encerrasse a sessão. Foi approvedo por aclamação.

O sr. Presidente agradeceu. E logo se fechou a sessão, eram quasi onze horas da noite.

O secretario

*Eduardo A. da Rocha Dias*

## ACTA N.º 10

Sessão da assembléa geral em 13 de Julho de 1905

Presidencia do Ex.<sup>mo</sup> Sr. Conselheiro Augusto José da Cunha.

Secretarios, Rocha Dias e o sr. Rodrigues Fernandes, vice-secretario.

Abertura ás 8 horas e meia da noite.

Presentes, além da mesa, os seguintes socios, srs.: Antonio Cesar Mena Junior, Manuel Joaquim de Campos, Visconde da Torre da Murta, José Alexandre Soares, Monsenhor Alfredo Elviro dos Santos, Sebastião da Silva Leal, Evaristo Gomes, Victor Ribeiro, dr. Arthur Lamas.

Acta — approvada.

Correspondencia:

Officio do sr. Manuel José Cunha Brandão, agradecendo a sua admissão a socio effectivo e pedindo desculpa de não comparecer por falta de saude.

Egual pedido enviou o sr. thesoureiro, Ernesto da Silva.

Officio do sr. Conselheiro Augusto Fuschini, presidente da Commissão Executiva dos monumentos nacionaes, participando que fôra enviada ao Governo a representação desta Associação para se restaurar a fachada da igreja de Jesus em Setubal, restauração que o mesmo Conselho julgou indispensavel.

Outro do sr. Tito Benevenuto Lima de Sousa Larcher, residente em Leiria, chamando a attenção da assembléa para os seguintes pontos:

— Maneira por que se anda fazendo a reconstrucção da antiga parochial manuelina da villa da Batalha, cuja direcção e risco *foram entregues a um canteiro*. O campanario, caracteristico, foi substituido por uma desgraciosa torre e trata-se de vender um bello altar Renascença, que ha do lado do Evangelho, para o substituir por obra de bric-à-brac. Cobriram o templo com telha de Marselha.

— No templo de Nossa Senhora da Maceira, ampliado ha annos e accrescentado com uma torre, tem feito barbaridades sem nome.

— Torna-se urgente acudir á Sé de Leiria, cujos telhados estão cheios de hervas e arbustos, que vão deslocando as cantarias.

— O templo de S. Pedro, do seculo XII, com um bello portico romanico, está *convertido em deposito de trapo e madeiras*, e poderia ser aproveitado para nucleo de um Museu archeologico.

— Faz ainda o sr. Tito Larcher referencia, no seu officio, aos trabalhos de restauração, a que se tem procedido, por iniciativa sua e de mais alguns cavalheiros, no templo de Santo Agostinho e termina por expôr as diligencias que tem empregado para salvar da ruina uma inscrição em casa particular, no sitio da Portella.

Resolveu-se enviar este officio ás secções de archeologia e architectura para darem o seu parecer e pedir tambem a respeito d'estes assumptos a opinião do sr. Ernesto Korrodi, socio correspondente em Leiria.

Leu-se na mesa um officio do nosso thesoureiro, participando, em resposta á consulta que lhe fôra dirigida na sessão anterior, que a Associação podia sem grande sacrificio contribuir com vinte mil réis para a subscrição destinada ao monumento que vae ser erigido ao Marquez de Pombal, glorioso estadista, incansavel protector das artes entre nós.

Foi approvada a indicação feita pelo sr. thesoureiro.

O secretario Rocha Dias informou que o Conselho facultativo manifestára o mais completo accôrdo em que se admittisse a proposta dos srs. conselheiro Augusto José da Cunha, commendador Guilherme João Carlos Henriques, e d'elle secretario, para ser votado socio effectivo o sr. coronel Filippe Malaquias de Lemos, commandante geral das guardas municipaes, amator de archeologia e que tem feito importantes offertas ao nosso Museu.

Passando se á votação da proposta, entraram na urna da approvação 10 espheras brancas e na da contraprova egual numero de espheras pretas.

O sr. Silva Leal sentiu que, só pelo facto de estar ausente o sr. Mendes Guerreiro, não se livesse reunido a comissão especial para emittir um parecer definitivo ácerca da sua proposta sobre conservação de pelourinhos e referiu-se com magua ao abandono a que foi deixado o de Braga, que é a cidade onde a nossa Associação tem mais socios correspondentes.

Monsenhor Elviro dos Santos, por parte da comissão, responde que o sr. Mendes Guerreiro regressou já ao reino e que em breve se reunirá a comissão, podendo assegurar ao sr. Silva Leal que a demora que tem havido em nada foi prejudicial á sua proposta, visto que o sr. Mendes Guerreiro dispõe de elementos que muito facilitam a realisação do que nella se pretende.

O sr. Visconde da Torre da Murta leu e mandou para a mesa o Parecer da comissão revisora de contas, que concluiu pela sua approvação e louvava o sr. thesoureiro pela clareza e exactidão com que as apresentára.

A assembléa approvou unanimemente este Parecer.

O sr. Silva Leal mandou para a mesa a seguinte exposição, que foi lida pelo sr. secretario Rodrigues Fernandes :

«Sr. Presidente e prezados consocios. — N'uma das anteriores sessões da Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes a que tenho a subida honra de pertencer, apesar de ser talvez o mais humilde e obscuro de todos os associados d'esta casa, coube-me propor que a mesma Real Associação officiasse ás diversas camaras municipaes do paiz, encarecendo-lhes as vantagens de procurarem restaurar os seus respectivos pelourinhos, entendendo-se esta petição, como é claro, apenas com aquellas onde taes monumentos do antigo predomínio municipal se acham demolidos ou em estado de ruina.

Tive a satisfação de ver a minha preposta approvada; e talvez só por isso (visto como apesar de tanto tempo decorrido ella ainda não logrou ter andamento), já hoje me é dado o prazer de poder communicar que a primeira municipalidade que se quiz honrar mandando proceder á reconstrucção do seu antigo pelourinho, que se encontrava destruido e os seus fragmentos dispersos, foi a de Barcellos, segundo uma communicação que pude obter por intermedio de um amigo que ali tem relações e que me forneceu até a copia da parte da acta da referida muni-

cipalidade allusiva á sessão em que foi deliberado reconstruir e reconstituir o pelourinho da formosa villa minhota.

Essa parte da acta referente á sessão de 1 de Abril de 1905 diz textualmente o seguinte, para que ousou chamar a attenção da illustrada assembléa :

«O sr. Presidente, dr. Vieira Ramos, informou que o sr. dr. Antonio Ferraz, digno vice-presidente da penultima vereação e actual administrador do concelho e illustre investigador pôde descobrir todos os materiaes para a reconstrucção do Pelourinho d'esta villa. As pedras do capitel e gaiola foram encontradas ao fazer-se a ampliação dos Paços do Concelho ; o fuste estava a servir de poste ao candieiro da iluminação publica no angulo das ruas Duque de Bragança e Barjona de Freitas, a base estava n'uma quinta proxima a esta villa, e as correntes e gargalheiras na cadeia da comarca. Propunha que se mandasse reconstruir esse monumento, pelo seu merecimento historico e architectonico, e que se solicitasse do sr. dr. Antonio Ferraz o favor de superintender nos trabalhos de reconstrucção para que fique o mais authentica possivel.»

A camara approvou esta proposta por unanimidade.

No decorrer da minha vida de estudioso e em toda a minha carreira de socio d'esta illustre collectividade não me fô dado sentir ainda tão grande satisfação como a que senti quando recebi uma tal noticia e quando pude ler a parte da acta da camara municipal de Barcellos, que venho trazer ao vosso conhecimento. E' que essa camara municipal infligia uma eloquentissima lição ás suas congeneres que não se preocupam com a restauração dos seus pelourinhos, teimando em consideral-os apenas pelo seu lado infamante, mas justiceiro, e não querendo ver nelles outros tantos padrões para o estudo da architectura e para a historia da arte entre nós.

Não me detenho a cansar a vossa attenção fazendo aqui a historia do pelourinho de Barcellos, agora reconstituido, deixando esses pormenores para o estudo que trago em publicação na revista bi-mensual «A nossa patria» e apenas direi que o primitivo pelourinho de Barcellos foi, como todos os do seu tempo, erguido em frente aos respectivos Paços do Concelho, só saindo d'aí em 1830, para dar lugar á construcção de um chafariz.

Não foi então destruído, mas apenas mandado para junto da cadeia da villa, d'onde, em 1865, foi mandado retirar pela vereação dessa epocha, para dar logar á regularisação de uma rua. Menos illustrada ou menos previdente do que a vereação de 1830, a de 1865 não quiz mais saber dos materiaes que constituiram o pelourinho, ou seja o monumento que attestava as antigas regalias e jurisdicção municipal. Regularisou a rua, mas abandonou os fragmentos do pelourinho a quem se quiz apoderar d'elles.

A acta de que vos dou acima conhecimento diz-nos como esses fragmentos foram encontrados dispersos, quem os descobriu e quem reconstituiu o pelourinho da antiquissima villa, tal como elle se acha hoje reconstituído no jardim fronteiro ao velho paço dos Duques de Barcellos.

Escuso de encarecer a alta importancia de tal reconstituição e de justificar como são devidos louvores á municipalidade que se honrou votando uma tal proposta; e em face do que deixo exposto tenho a honra de propor:

1.º Que na acta da presente sessão seja exarado um voto de profundo agradecimento e louvor á Camara Municipal de Barcellos, por ter procedido á reconstrucção do pelourinho da villa;

2.º Que egual voto de agradecimento e louvor seja conferido aos ex.<sup>mos</sup> srs. dr. Antonio Ferraz e dr. Vieira Ramos, áquelle pelas investigações a que procedeu e pela direcção das obras de reconstituição do historico monumento, e a este pela iniciativa tomada com referencia á reconstituição referida.

3.º Que d'estas deliberações, no caso de serem approvadas, seja acto continuo enviada participação official áquelles dois cavalleiros, á municipalidade respectiva e a toda a imprensa da capital.

Lisboa e sala das sessões da Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes, aos 13 de Julho de 1905.

O socio effectivo

(a) *Sebastião da Silva Leal.*»

Resolveu-se enviar este documento á commissão especial para dar parecer sobre a proposta relativa aos pelourinhos, con-

siderando-se desde logo approvadas as tres propostas com que o mesmo documento finalisava.

O sr. Silva Leal agradeceu á assembléa estas resoluções. Monsenhor Elviro dos Santos fez a seguinte proposta :

«Constando ao abaixo assignado que o Conselho dos Monumentos Nacionaes em sessão de 7 de Junho ultimo deliberou que a representação da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes relativa ao frontão e resto da fachada da egreja da Conceição d'esta capital fosse devolvida ao governo de Sua Magestade com o pedido do projecto das obras a effectuar para então o Conselho emittir o seu parecer — proponho que a Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes represente de novo ao governo de Sua Magestade pelo Ministerio das Obras Publicas a pedir que, mediante concurso publico entre artistas portuguezes, mande proceder ao projecto das obras a effectuar.

O socio effectivo

*Monsenhor Alfredo Elviro dos Santos.*»

Foi approvada sem discussão.

Monsenhor Elviro dos Santos manifestou o seu agradecimento á assembléa.

O sr. Presidente disse que a direcção da Escola Polytechnica de Lisboa não se oppõe a que venha para o nosso Museu o tumulo do governador da India Fernão Telles de Menezes, que se encontra numa das dependencias daquelle estabelecimento, salvo o caso de haver ainda algum descendente do referido governador, que não permitta a trasladação; e pediu ao sr. Mena Junior que se encarregasse de ir examinar o mesmo tumulo e fazer o orçamento da despeza com o seu transporte.

O sr. Mena Junior accitou gostosamente a incumbencia.

Em seguida o sr. Presidente encerrou a sessão. Eram 10 horas da noite.

O secretario

*Eduardo A. da Rocha Dias*

# AZULEJOS

(Contin. do numero anteced.)

L'on conserve beaucoup d'*azulejos* unis, des XVI<sup>e</sup> et XVII<sup>e</sup> siècles ; mais il en existe aussi en relief dans le couvent da Pena à Cintra, et dans le palais de cette même ville. Ceux qui ornaient les cheminées de ce château, sont représentés dans une estampe faite par Duarte d'Armas, peintre du roi Emmanuel. On en voit aussi de très anciens dans l'église paroissiale de la ville d'Alcochete et dans une grotte ou fontaine à la Quinta de Penha Verde à Cintra. Si ma mémoire ne me trompe, car je l'ai lu depuis assez longtemps et je ne sais en quel endroit, je crois qu'il en a existé dans le couvent de la Trinité, à Lisbonne, de forts beaux, représentant la prise d'Arzilla. Dans la boutique d'une maison construite sur l'emplacement de ce couvent, on voit quelques *azulejos* d'une date plus récente. Le cloître du couvent de Penha Longa, à Cintra, est également carrelé d'*azulejos*, ainsi que les constructions dites du Nonce. Les travaux exécutés dans le couvent le furent par ordre du roi dom Emmanuel et de ses fils, l'infant dom Luis et le cardinal-roi ; mais je ne me souviens pas si les carreaux sont de la même époque.

Près de la sépulture de Camoens dans le couvent des sœurs de Sainte-Anne on voyait un trophée représenté par *azulejos*. Il y avait été placé par le poète Miguel Leitão d'Andrada qui vivait encore vers la fin du XVI siècle. Chez le seigneur de Pancas, à Arroios, se trouve encore un carrelage représentant la bataille d'Ameixial gagné par dom Sancho Manuel son aïeul, lors de la proclamation de dom João IV. On voit aussi de précieux *azulejos* dans la grande salle de l'hôtel du comte d'Almada au Rocio, où se réunissaient les conjurés pour l'acclamation de 1640. Ils représentent les principaux faits de cette révolution. Le propriétaire, un des conjurés, y a fait exécuter ce travail en commémoration

d'un si grand événement. Sur les murs de l'église de Saint-André d'Alfama on conserve des *azulejos* qui paraissent très-anciens. L'établissement des orphelins à la Mouraria, en a, dit-on, de curieux. La quinta du marquis de Fronteira, à Bemfica, en est ornée avec profusion dans le jardin. Avant le tremblement de terre de 1755, dans l'ancien bâtiment du jeu de paume il en existait de très anciens, qui se rapportaient aux règles de ce jeu et qui représentaient des joueurs dans différentes attitudes. Le *Dictionnaire des Sciences et des Arts* nous dit que l'intérieur de ce bâtiment en était orné, et il nous en donne les dimensions. Au haut de la rue du Telhal, avant d'arriver à la place du *campo* de Sainte-Anne, on voit dans une *quinta* un mur en demi-cercle, entourant un bassin revêtu de haut en bas d'*azulejos*. Je ne les ai pas examinés récemment, et j'ignore de quelle époque ils peuvent être. Je crois que les sujets qu'ils représentent sont tirés de la fable. Ceux qui ornent l'église du couvent de Madre de Deus me semblent très intéressans. On en trouve aussi dans le couvent des religieuses des *Cardeas de Jesus* (Rua Formosa). Ils sont l'œuvre d'un artiste flamand qui y a mis son nom. Ceux des escaliers de l'hôpital royal de Saint-Joseph, du couvent de Jésus et beaucoup d'autres, représentent ordinairement des sujets de la Bible, ou la vie des saints de l'ordre auquel le couvent ou l'église appartiennent. On voit des *azulejos* dans presque tous les bâtiments du siècle dernier. Il y en a qui se rapportent aux mœurs de l'époque, d'autres représentent des combats de taureaux, des danses, des chasses au sanglier, etc. On avait alors l'habitude de placer au bas des escaliers, près des portes d'entrée, des figures modelées en argile et cuites au four, représentant des hallebardiers, des figures grotesques et des animaux.

Il existe à la chambre municipal une précieuse collection de réglemens pour tous les métiers. Non-seulement cette collection est intéressante pour l'étude des arts de ce pays, mais encore elle fait connaître le bon sens et l'esprit d'équité qui régnaient parmi nos aïeux, ainsi que le soin apporté par eux aux choses qui concernaient le peuple.

(Conclue)